trabalho crítico com os conceitos

O sujeito pungido

Alejandro Luis Viviani

Falar do corpo e do inconsciente implica levantar posições e questões que acompanham disputas no longo caminho percorrido, inicialmente pelos filósofos, para definir tanto o corpo quanto a alma.

Diante da impossibilidade de, neste trabalho, refazer esse caminho, farei algumas breves citações.

Um recorte pelo caminho da filosofia

O corpo é um objeto, objeto físico, matéria orgânica, organismo biológico, que causa impressões, que tem extensão, é mensurável. A alma era considerada como "sopro", "alento", princípio da vida.

Platão, no *Fédon*,[1] defende de uma forma extrema a separação entre corpo e alma: "a razão deve seguir apenas um caminho em suas investigações, enquanto tivermos corpo e nossa alma estiver absorvida nessa corrupção, jamais possuiremos o objeto de nossos desejos, isto é, a verdade".[2]

Por outro lado, Aristóteles dizia:

> Después de haber determinado los diversos sentidos en que se dice la naturaleza, tenemos que examinar ahora en qué se diferencia el matemático del físico, pues los cuerpos físicos tienen también superficies, volúmenes, longitudes y puntos, de los cuales se ocupa el matemático.[3]
>
> [...] si la definición de cuerpo es "lo que está limitado por una superfície" [...].[4]
>
> [...] En este último sentido cabe, pues, la posibilidad de que una cosa este «en sí misma», pero no es posible en sentido estricto; así, por ejemplo, la blancura está «en» un cuerpo (pues la superficie visible está en um cuerpo) y la ciencia está «en» el alma; y según estas «partes» del hombre (el cuerpo y el alma) se habla de la «blancura» o la «ciencia» como estando «en» el hombre.[5]

Não entraremos na discussão sobre a distinção entre alma e espírito, se a alma pertence à ordem dos afetos, subjetivo, e o espírito à ordem da razão, objetivo; os termos utilizados serão aqueles que os autores citados utilizam.

[1] Segundo J. L. Borges, o texto mais patético de toda a filosofia. (Borges, *La inmortalidad*, 1996).

[2] Platão, *Fédon ou da alma* (1999, p. 127).

[3] Aristóteles, *Física* (1995, p. 50). (Libro II. 2. La física respecto de las matemáticas y la filosofía primera). Tradução: Após haver determinado os diversos sentido em que a natureza se expressa, temos de examinar agora em que se diferencia o matemático do físico, pois os corpos físicos também têm superfícies, volumes, longitudes e pontos, dos quais se ocupa o matemático.

[4] *Ibid.*, p. 94. (Libro III. B. El infinito. 5. No hay un infinito separado ni un cuerpo sensible infinito). Tradução: [...] se a definição de corpo é "o que está limitado por uma superfície" [...].

No conceito de alma, há marcadas posições realistas, idealistas e conciliadoras.

Continuando com o problema da relação entre corpo e alma, um pouco mais adiante encontramo-nos com Descartes, que diz: "Em seguida, também observo que não nos damos conta de que exista algum sujeito que atue mais estritamente ligado à nossa alma do que o corpo ao qual está unida, e que, portanto, devemos considerar que aquilo que nela é uma paixão, em geral, nele é uma ação...".[6]

Descartes também diz:

> Por corpo entendo tudo o que pode ser limitado por alguma figura; que pode ser compreendido em qualquer lugar e preencher um espaço de tal maneira que todo outro corpo seja excluído dele; que pode ser sentido ou pelo tato, ou pela visão, ou pela audição; que pode ser movido de muitos modos, não por si mesmo, mas por algo de alheio pelo qual seja tocado e do qual receba a impressão.[7]

No transcurso do pensamento filosófico, em uma abordagem parcial e esquemática, encontramos, até começos do século XVI, tanto o ponto de vista realista quanto o idealista. O realismo é a maneira de conhecer ou de ser do real, considerada esta uma posição natural na qual o importante no conhecimento é uma realidade, ou a qualidade de uma realidade, que se revela sem intermediação de nenhum conceito. Em oposição, o idealismo considera que a realidade é a forma ou ideia, ou, melhor dizendo, toma como ponto de partida do pensamento a consciência, o Eu. Não nega o mundo externo. Como forma do conhecimento dos objetos, vai do sujeito às coisas; mediante a elaboração dos conceitos, surge a realidade da coisa. Nessa forma introvertida nos encontramos com o pensamento, com o ato de pensar, que, enquanto ato que está em mim, coincide comigo mesmo; ou seja, a falta de mediação faz com que o pensamento que penso seja Eu no ato de pensar. "*Cogito ergo sum*", "penso, logo existo", isso é o que formula Descartes. No idealismo, há uma construção da realidade, e a primeira realidade que se descobre é o "Eu penso".

Outro recorte pelo caminho da medicina

Foi o médico grego Hipócrates quem utilizou o termo *histeria* (do grego, "útero, matriz") para denominar, seguindo a linha dos egípcios, uma série de sintomas nas mulheres: dores no corpo, dificuldades para caminhar e para abrir a boca, falta de ar, obstrução na garganta, dor de cabeça, alterações nervosas etc. Especialmente naquelas que não haviam engravidado, fosse por fatalidade, por fal-

[5] *Ibid.*, p. 121. (Libro IV. A. El lugar. 3. Una cosa no puede estar en sí misma ni el lugar en otro lugar). Tradução: [...] Nesse último sentido cabe, portanto, a possibilidade de que uma coisa esteja "em si mesma", mas não é possível no sentido estrito. Por exemplo, a brancura está "em" um corpo (pois a superfície visível está em um corpo) e a ciência está "na" alma e, segundo essas "partes" do homem (o corpo e a alma), se fala da "brancura" ou da "ciência" como estando "no" homem.

[6] Descartes, *As paixões da alma* (1999, p. 106). (Primeira parte. Art.2. Para conhecer as paixões da alma é necessário discernir suas funções das do corpo).

[7] *Ibid.*, p. 260. (Segunda meditação).

ta de atenção do parceiro ou por abstinência sexual, se produziam a secura do útero, que o levava a movimentar-se (*globus hystericus*) na procura de umidade, ou emanações irregulares de humores (posteriormente chamados "vapores") e sangue, que irritavam o sistema nervoso e chegavam até o cérebro.

Na Idade Média, já dentro de um esquema religioso, essas mulheres eram tratadas como bruxas que mantinham relações sexuais com o demônio ou que estavam possuídas por ele.

Posteriormente, os sintomas eram atribuídos ao calor da paixão ou novamente à insatisfação sexual.

Será com o inglês Sydenham (em meados de 1600) que se estabelecerá uma diferenciação interessante segundo o sexo do doente. Por encontrar sintomas semelhantes em homens e mulheres, dado que os homens não têm útero, e que os sintomas corporais se davam especialmente em torno dos hipocôndrios (lugar de origem dos humores ou vapores, próximo ao estômago, ao baço, à vesícula biliar e ao fígado), Sydenham manterá a denominação de *histeria* para as mulheres e criará a de *hipocondria* para os homens, com raras exceções: mulheres com vida muito ativa ou homens de vida sedentária.

"As mulheres são histéricas e os homens hipocondríacos", vício conceitual que chega até a falsa distribuição: as mulheres são histéricas e os homens obsessivos. Haverá que se diferenciar, no seu momento, o que é ser sexuado do lado masculino ou do lado feminino.

À histeria é atribuído o caráter imitativo, e, enquanto doença dos nervos, ela é uma patologia que compromete todo o corpo. Essas ideias, com contribuições e maior precisão, passando por W. Cullen, Pinel etc., chegaram até Charcot e, consequentemente, a Freud.

A dobra[8] freudiana

No encontro com Charcot, Freud começará a se preocupar com a histeria masculina. Com a histeria, paradigma das neuroses, passará da teoria do trauma à da fantasia.

Trabalhando com a histeria e em relação à ab-reação, insistirá na importância da linguagem como substituto da ação.

Será com a histeria que Freud fundará o método da associação livre como forma de acesso ao inconsciente.

Com a descoberta do inconsciente, Freud realiza o que se chama "o giro cartesiano". Muda o lugar do centro do sujeito, mantém relativamente a relação do eu com a consciência enquanto estado e propõe, na sua tópica, o sistema Pré-consciente — consciente. Coloca o centro do sujeito e sua relação com a verdade no sistema Inconsciente. Trata-se de lugares diferentes e, portanto, também de conteúdos, elementos, princípios e processos diferentes.

[8] *Dobra*, nome de uma das sete catástrofes elementares propostas por R. Thom.

A fundação do Inconsciente (Freud a propõe como uma hipótese de trabalho) se dará a partir do que denomina "recalcamento originário". Ele dirá que frequentemente se erra em exagerar o papel que tem o Supereu no recalcamento e que, no momento, não é possível determinar se é o surgimento do Supereu que cria a divisão entre recalcamento primário e secundário. Como as primeiras manifestações de angústia aparecem antes da formação do Supereu, Freud propõe como possível causa do recalcamento originário fatores quantitativos, como uma extraordinária intensidade de excitação.

Na experiência de satisfação, a criança tem uma necessidade — por exemplo, fome — e não tem condições de realizar uma ação específica para acalmar essa necessidade, precisando de um auxílio alheio, a mulher que a alimenta. A mulher que nutre, isto é, a mãe, pelo interesse de conservar a vida da criança lhe dará o seio e esse gesto, ao mesmo tempo em que acalma a necessidade, produz um efeito marginal que é o prazer; dessa maneira, numa experiência mítica de conservação da vida surge a sexualidade. A sexualidade, secundária e marginal, surge apoiando-se na conservação.

Aqui temos o primeiro dualismo pulsional: de um lado, pulsões de autoconservação ou do Eu; do outro, pulsões sexuais. Naquela época, Freud entendia que dessa oposição pulsional surgia o conflito psíquico. Posteriormente, uma vez formulado o conceito de narcisismo, passa a incluí-lo, junto com a libido do Eu, a libido de objeto, as pulsões sexuais e as do Eu, no novo conceito de pulsão de vida. A partir dos conceitos de sadismo e de compulsão à repetição, formulará também o conceito de pulsão de morte, criando, portanto, um novo dualismo pulsional: vida e morte. Essas pulsões estarão intrincadas; o conflito não será mais entre pulsões, mas entre instâncias.

Chamamos sexualidade a qualquer forma de prazer. Esse prazer surge produzindo um efeito traumático na biologia da criança, uma extraordinária intensidade de excitação que altera o seu equilíbrio biológico. Ele altera a função do órgão, perverte-o na sua função: a boca não serve só para se alimentar; agora, também serve para a obtenção de prazer. E, porque isso pode acontecer com qualquer um dos órgãos, a criança será chamada de *perversa*, pois os órgãos foram pervertidos na sua função pela sexualidade, e de *polimorfa*, que quer dizer "em todas as suas formas".

Freud dirá que a percepção do alimento pela criança permitirá a ela associar a imagem mnêmica desse momento ao traço mnêmico da experiência; portanto, nesse momento já temos inscrições psíquicas, traços mnêmicos. Lembremos que, para poder alucinar a experiência tentando repeti-la, devemos perdê-la como experiência e só poderemos aluciná-la desde que tenhamos suas inscrições psíquicas.

Entendo termos aqui as primeiras representações ou núcleo de representações, desordenadas, sem organização, o que é da ordem do recalcado originário.

Lembremos o que o próprio Freud diz sobre a problemática do ser e do ter na criança. Primeiro a criança é o objeto, não há diferença entre ela e o seio que chupa: ela é o seio que chupa. Para ela ter o objeto, precisa perdê-lo. O ter vai na contramão do ser. Se tenho o objeto, então não o sou.

Nessa linha, Freud elabora o conceito de pulsão que, à diferença do instinto, é um conceito limite entre o psíquico e o somático. A pulsão está constituída pela **fonte**, lugar onde surge a excitação. As fontes são zonas erógenas, têm características de bordas; o **impulso** é a exigência de trabalho que se impõe ao psiquismo para procurar um **objeto** — que é contingente e, diferentemente do instinto, não é predeterminado, dependerá da constituição do sujeito — para a obtenção de uma **finalidade ou alvo** que sempre é a satisfação. A pulsão se inscreve no psiquismo por representação[9] ou representantes pulsionais e é qualificada pelo afeto. Dessa maneira, teremos a constituição de um corpo erógeno, corpo impresso no corpo biológico sem que um coincida totalmente com o outro. Temos aqui outro *status* do corpo.

Estabelecer-se-á um catálogo de objetos pulsionais: o seio, as fezes, o falo. Esse catálogo é ordenado pelo falo, símbolo que não se limita ao pênis, priapo, adorado na tradição greco-romana também por sua função apotropaica, *fascinum.* O falo, enquanto premissa universal, dará nome à fase fálica, na qual se instaurará junto com ele o complexo de castração. Nessa fase surgirá a oposição fálico/castrado. Ser masculino ou feminino será uma decisão edipiana. Lacan incluirá nesse catálogo o olhar e a voz.

Ao introduzir o conceito de narcisismo, Freud[10] propõe que para passar do autoerotismo ao narcisismo é necessária uma nova operação psíquica.

Será Lacan quem definirá essa nova operação psíquica, no chamado estádio do espelho.

Mantendo a metapsicologia freudiana, Lacan propõe ler a realidade psíquica com três registros: Real, Simbólico e Imaginário. Ler com os três registros não implica considerar um deles melhor ou mais importante que os outros; qualquer elemento que leiamos com um registro também tem que ser lido com os outros dois.

Os três têm a mesma consistência[11] e têm seu limite (diálogo com Gödel). São categorias equivalentes e diferentes.

Se situarmos uma criança com idade entre seis e 18 meses em frente a um espelho plano,[12] ela verá uma imagem completa, embora sua experiência nesse período seja de fragmentação corporal. A criança não tem a ideia de totalidade. Há, nessa experiência de

[9] Aqui encontramos a clara influência de F. Brentano.

[10] Freud, *Introducción Del nercisismo* (1914/1976).

[11] Latim: *Consisto, is, ere, stiti (stitum)*: "reunir-se, fazer alto, estabelecer-se, fixar-se, acabar, estar firme, apresentar-se, existir, ter lugar, consistir em" etc.

[12] Lacan, *Observación sobre el informe de Daniel Lagache* (1960/1975, p. 295). Em referência ao trabalho de Bouasse "Optique et photométrie dites géométriques" o trabalho, no caso com o espelho côncavo, produzirá uma imagem real. Para simplificar, usaremos como exemplo o espelho plano.

fragmentação corporal, o autoerotismo, um campo de parcialidades. Encontramos as pulsões, sempre parciais, que se satisfazem no mesmo lugar em que se originam. Do "outro lado" do espelho, temos a imagem completa. A ideia de tudo, de unificação, de Uno, é uma falsa unidade. A criança antecipa, diante do espelho, uma completude que ela não tem. A partir dessa imagem no espelho, da identificação com essa imagem, dessa *gestalt*, a criança pode ter uma ideia de si mesma como completa, ponto de partida da constituição do Eu. Se o Eu se constitui a partir da imagem, este será uma formação basicamente imaginária. E a completude é uma ilusão, uma miragem, um engodo. É uma experiência de unificação antecipada na qual se passa da fragmentação à unificação do corpo na imagem. Esse movimento é marcado por uma tensão libidinal e agressiva.

Este elemento fundamental, o olhar, que permite ver a imagem no espelho, permite ver que ela nos olha, olhar que nos toma libidinalmente. Esse olhar que, enquanto olhar, não tem imagem no espelho, esse olhar pode deixar de olhar para nós. Lacan dirá que esse é o ponto de partida da angústia.

Essa relação do Eu com o outro vai dar origem à disputa: ou "ele" ou Eu.

Situada essa criança diante do espelho, ela está com seu corpo fragmentado. Isso é o Real. Nesse lugar temos um ser que existe, uma existência, algo que está aí, uma vida, isso é Real. Aqui Lacan acompanha Aristóteles: o corpo funda o ser.

Do "outro lado" do espelho está o campo da imagem. Esse campo da imagem é o lugar chamado Imaginário.

O espelho, enquanto tal, é aquilo que estabelece a diferença entre o Real e o Imaginário. O espelho é o lugar do Simbólico.

O Simbólico é o lugar onde se estabelecem as diferenças. É a presença do espelho que diferencia os dois lugares, o Real e o Imaginário.

Nesse lugar do Simbólico, encontramos a linguagem, constituída por significantes. Lembremos que a rede dos significantes que governa o significado é a estrutura sincrônica da linguagem, e cada elemento está em uma posição diferencial respondendo à lei de ordem fechada. Um significante remete a outro significante. O significante é a presença de uma ausência; onde o significante está, o objeto falta. O significante mata a coisa. Nesse sentido, no Simbólico encontramos a morte, mas não aquela em que vida termina; essa é Real. Freud dizia que a angústia diante da morte surge por ser esta uma representação da castração. O importante em relação ao lugar onde se estabelecem as diferenças é que aí também estarão as diferenças sexuais. Consequentemente, esse lugar tem relação direta com a castração e com a lei; portanto, com a operação da função paterna, chamada Nome do pai. Então, dentro do campo do Sim-

bólico, temos a lei e a função paterna, seu efeito: a castração surge em forma de enunciados imaginários como a ameaça ou a inveja. A castração[13] é uma operação Simbólica (dívida) sobre um objeto imaginário cujo agente é o pai Real, suporte da lei.

A temática do corpo, tal como nos interessa em sua relação com o inconsciente, encontra então o limite da física. Não se funda no campo da consciência e não se esgota nela. Trata-se da constituição do sujeito no inconsciente; portanto, em termos significantes, da entrada do significante no Real de onde surge o sujeito. Superação do corpo constituído por Descartes no campo da extensão.

Retomando, para ter uma ideia desse ser, precisamos de um espelho, espelho que produzirá uma imagem. Com o espelho, temos a imagem. Temos o ser de um lado e a imagem de um corpo do outro. A imagem do corpo é da ordem do Imaginário, o Imaginário possibilitado pelo Simbólico que nos permite ter essa representação do Real. Mas o Real vai ficar excluído da representação. A vida, o ser *ex-siste*, propõe Lacan, está fora. Do latim *exsisto*: "sair de, elevar-se, acima de, nascer de, surgir, aparecer, ser, existir, resultar".

O que se trata na chamada fase do espelho é da relação da criança com a mãe. Quem está no lugar do Simbólico, quem está no lugar do espelho é o chamado Outro primordial, a mãe. A criança, olhando para a mãe e sendo olhada por ela, vê uma imagem que lhe retorna como imagem completa. Outro primordial por quê? Porque o chamado Outro é um lugar. Lugar simbólico, da linguagem, dos significantes. É um lugar que, nesse momento de constituição da criança, está ocupado pela mãe. Um lugar a partir do qual surgirá, pelo olhar, pela palavra, pelo toque, pelos cuidados, diria Freud, a erogeneização do corpo; consequentemente, estes são significantes que atingem o corpo da criança. Significantes que terão sua inscrição no psiquismo. Significantes que participarão do saber inconsciente.

Disso surge o argumento que leva Lacan a contradizer Aristóteles: deduzimos que o homem pensa com seu corpo.

Coincidente com Freud no que foi dito anteriormente, Lacan dirá, no que ele chama de esquema do traço apagado,[14] que no começo existe o "a". Essa letra remete ao objeto "a", que tem duas versões: 1) ser o objeto causa do desejo, correspondente ao objeto perdido freudiano e 2) ser o objeto mais-gozar, correspondente ao objeto pulsional freudiano. A existência do "a" faz da criança um objeto real, objeto "a", desde o "A" lugar do significante. O sujeito surge no intervalo, "a"-A, com o aparecimento do significante. Sujeito barrado ($) entre inconsciente, o não sabido, o saber que não se sabe, e o Pré-consciente — consciente, onde as deformações do processo primário expressam, no enunciado, uma mentira verídica, ou uma verdade a ser desocultada. Aqui, novamente está presente

[13] Uma das três formas de expressão da falta. Outra é a frustração e outra, ainda, é a privação.

[14] Lacan, *O Seminário*, livro 10: *a angústia* (1962/63/2005, p. 75).

um diálogo com Descartes.

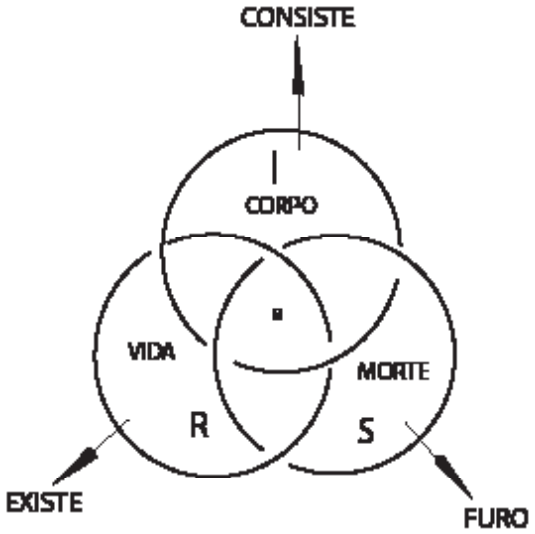
Pelo dito anteriormente, temos uma nova definição do significante: o que representa um sujeito para outro significante.

O sujeito está representado pelo significante e o Outro é o lugar de todos os significantes menos um (Ⱥ).

Lembremos quando Lacan,[15] fazendo referência ao esquema óptico de Freud na *Interpretação dos sonhos,*[16] diz que no intervalo que separa percepção e consciência está o lugar do Outro, onde o sujeito se constitui. Nesse lugar Freud coloca o Inconsciente. Disso se deduz que o inconsciente é o discurso do Outro. Freud também diz que, para que os traços da percepção passem à memória, eles têm que ser apagados na percepção. Esses traços mnêmicos são chamados por Lacan de significantes.

Considero que Lacan mantém fundamentalmente um diálogo com Aristóteles e Descartes quando insiste, a partir do conceito de significante, que o significante é corte e que o sujeito, efeito desse corte, tem a estrutura de uma superfície definida topologicamente, basicamente a superfície de Moebius. Quando o Real nos expõe superfícies naturais, o significante pode entrar aí criando furos; no caso, furos erógenos. Lacan sugere que, topologicamente, o corte gera a superfície assim como o significante no Real gera o furo; entre eles, o sujeito se revela.

Na cadeia Borromeana de três nós, o Real se sustenta da existência, o Imaginário da consistência e o Simbólico do furo.

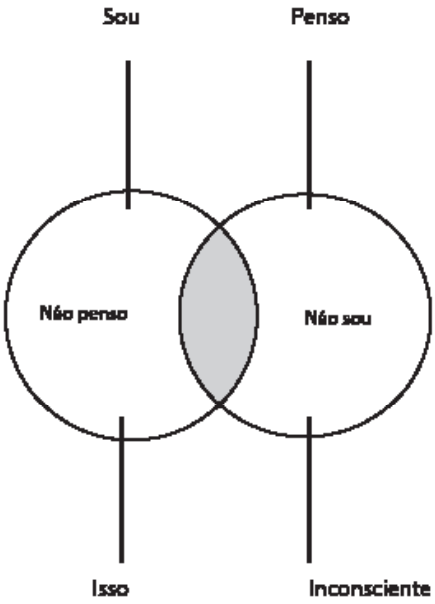


A cadeia Borromeana é o suporte do corpo, e aí se diferencia a realidade do Real.

[15] Lacan, *Seminario 11: Los cuatro conceptos fundamentals del psicoanálisis* (1964/1977, p. 56).

[16] Freud, *La interpretación de los sueños* (1900[1899]/1976, p. 535).

Com Freud, que dizia que o Inconsciente é o verdadeiramente real, que se apresenta à consciência de uma maneira tão deformada como se apresenta a realidade material para os órgãos dos sentidos, Lacan dirá que o inconsciente é o Real enquanto o sujeito está afetado pelo Simbólico encarnado no significante.



O Inconsciente, o lugar onde penso: Freud falava dos pensamentos inconscientes, e o Isso, o lugar onde sou: o Simbólico e o Real.

Penso onde não sou, no Inconsciente; sou onde não penso, no Isso. Na lúnula, temos a intersecção do Inconsciente e do Isso.

Lacan acrescentará que o uso que fazemos do cogito cartesiano pode ser uma forma de cristalizar o sujeito do inconsciente, e que o obverso, "ou não penso ou não sou", contém a negação que corresponde ao conjunto ao qual cada posição pertence. O "ou... ou" remete à disjunção.

Vimos que, na constituição do corpo erógeno, a organização pulsional do sujeito se dá a partir da passagem da necessidade biológica, Real, à demanda, Simbólica.

Lacan proporá como fórmula da pulsão: ($ ◊ D), que se lê sujeito corte da demanda, e dirá que a fantasia ($ ◊ a) tem a forma privilegiada da pulsão.

A fórmula da fantasia, suporte do desejo, ($ ◊ a), se lê: o sujeito em relação ao "a", ou sujeito desejo de "a", ou sujeito punção "a".

Punção, segundo os dicionários da língua portuguesa Aurélio

e Houaiss, é o "ato ou efeito de pungir, ato ou efeito de furar com objeto dotado de ponta, ato, fato ou efeito de ferir moralmente, de magoar o espírito" etc. *Pungir* quer dizer: "ferir ou furar com objeto pontiagudo; picar, espicaçar, provocar estímulo ou incentivo em (alguém); estimular, incitar, causar grande dor moral; magoar, afligir, atormentar". Dessa leitura do símbolo (◊) entre o sujeito ($) e o objeto (a), podemos dizer que o sujeito está pungido pela falta do objeto, está furado, ferido, estimulado, incitado, magoado etc. pelo objeto causa do desejo.

O símbolo (◊) surge de duas operações lógicas. O mínimo que podemos dizer da lógica na sua forma arcaica é que é um dizer que dá conta de determinada estrutura do Real. Essas operações que fazem a constituição do sujeito formalizam o Édipo, que é a forma de nomear a realidade psíquica que se sustenta na cadeia Borromeana.

A primeira operação, chamada alienação, consiste na união[17] (V), em termos da teoria dos conjuntos, do ser (S) com o Outro (A).

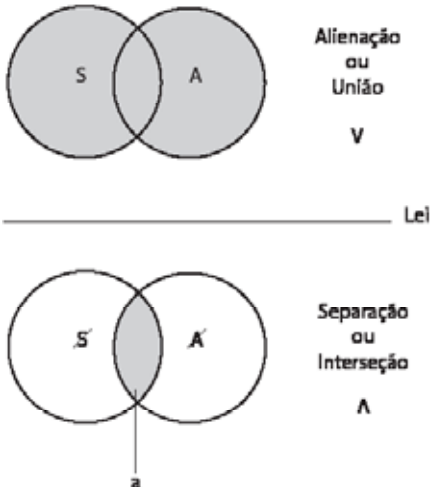
Por efeito da Lei contra o incesto e de seu correlato, o Complexo de Castração, operação simbólica sobre um objeto imaginário, há uma separação e um efeito de perda.

A experiência de castração permite ressignificar como castrações as experiências que eram consideradas feridas narcísicas: a separação do corpo materno no momento do nascimento, a separação do seio no desmame e a separação das fezes no ato de defecar etc.

Freud diz que, em consequência da irrupção bifásica da escolha de objeto e da interposição da barreira contra o incesto, o objeto final da pulsão sexual nunca mais será o objeto original, mas apenas um sub-rogado do mesmo. A psicanálise revelou-nos que, quando o objeto original de um impulso desejoso se perde em consequência do recalcamento, ele se representa, frequentemente, por uma sucessão infindável de objetos substitutos, nenhum dos quais, porém, proporciona satisfação completa.

A segunda operação é chamada separação ou interseção. Pela separação aparece o sujeito ($) como sujeito que deseja e que, portanto, perdeu alguma coisa. No mínimo, perde sua definição do ser, já que não é mais possível definir-se como sendo o objeto do desejo do Outro em função da presença da falta no Outro (Ⱥ). Portanto, temos a interseção de duas faltas; na lúnula entre o sujeito e o Outro encontraremos o objeto "a". Objeto que falta, perda necessária na constituição do sujeito no lugar do Outro. O refúgio do objeto "a" será localizado no recalcado originário e reconhecido no retorno do recalcado.

17 Nos símbolos utilizado por Lacan na união (V) como na interseção (∧) há uma distorção em relação aos utilizados na teoria dos conjuntos (U) e (∩) respectivamente.



Das duas operações surge a fórmula da fantasia inconsciente: $ ◊ a. Como podemos ver, o símbolo (◊) é construído a partir de várias operações: união (V), interseção (Λ), o *vel* (V), maior que (>), menor que (<), no sentido da escrita (↗↘,↖↙). Em lógica sentencial, duas das seis conectivas são a disjuntiva inclusiva (e/ou), também chamada *vel* (em latim), cujo símbolo é (V), e a disjuntiva exclusiva (ou... ou) chamada *aut... aut* (também latim), cujo símbolo é (W).

O objeto "a" como falta, perda, objeto causa do desejo, deixa um vazio, está delimitado por uma borda, seja na imagem do corpo, seja nos buracos do corpo onde o objeto causa do desejo retorna como objeto mais-gozar. Duas caraterísticas: as zonas erógenas são bordas e os objetos pulsionais são separáveis do corpo. Isso estará também repesentado no símbolo punção (◊): a borda e o furo, o lugar da angústia.

Freud afirmava que qualquer parte do corpo pode vir a ser zona erógena, inclusive a pele e os órgãos internos. Voltamos ao corpo erógeno como uma superfície, bordes e furos. Lacan, em relação ao dito anteriormenete sobre o Simbólico fazendo furo, tomará como recurso a matemática, especificamente a topologia e, desta, a figura do toro que considerará equivalente ao corpo. Os furos são irredutíveis. O furo interior do corpo, como o do toro, permite pensar o interior como borda e ter a característica da zona erógena. Com a banda de Moebius, o toro, o reviramento do toro, o garrote (*trique*), o oito interior, o *cross-cap*, mostra não só a relação furo-borda, mas também como o exterior vira interior (modelo da identificação).

Quando a castração produz a perda da definição do ser do sujeito, ele deixa de ser o suposto objeto do desejo do Outro; já não é o que pensava ser, e deseja, mas não sabe o que deseja. Surgem então duas perguntas: o que sou? e o que desejo? Essas perguntas

são demandas que o sujeito endereça ao Outro mas, como não há Outro que responda, ele mesmo criará sua resposta. Essa resposta é a fantasia inconsciente.

Dizer que a fantasia inconsciente ($ ◊ a) tem a forma privilegiada da pulsão corresponde exatamente à definição de fantasia inconsciente que se deduz de *Batem numa criança*.[18] Nesse texto Freud demonstra que uma fantasia consciente não se interpreta, que o trabalho associativo a partir dela permite construir a fantasia inconsciente. Acrescentemos que, já na *Interpretação dos sonhos*, Freud dizia que toda produção psíquica — sonho, lapso, chiste, sintoma etc. — está referenciada a uma fantasia inconsciente. A fantasia inconsciente é uma cena imaginária, construída na análise, na qual o sujeito ocupa um lugar. Há uma organização libidinal; nessa organização libidinal se expressa a fixação pulsional. Nessa cena, o desejo se realiza. Como esse desejo é incestuoso — tentativa de recuperar a posição de ser o objeto para o Outro —, atrai a defesa. Aqui se instaura o conflito psíquico, cuja solução se dará por uma formação de compromisso que é o sintoma. O sintoma produz prazer e sofrimento, é uma formação que satisfaz parcialmente as duas propostas. Pela relação fantasia inconsciente-sintoma, concluímos que o sintoma sempre compromete o corpo e sempre é dedicado a alguém.

[18] Freud, *Pegan a um niño* (1919/1976).

Referências mencionadas e consultadas

ARISTÓTELES. *Física*. Traducción y notas: Guillermo R. de Echandia. Madrid, España: Gredos, 1995.

BORGES, Jorge Luis. La inmortalidad. In: *Obras completas*. Vol. IV. Barcelona, España: Emecé, 1996.

BERCHERIE, Paul. *Génesis de los conceptos freudianos*. Traducción: Jorge Piatigorsky. Buenos Aires, Argentina: Paidós, 1988.

DESCARTES, René. As paixões da alma. Tradução de: Enrico Corvisieri. In: *Meditações*. Col. Os pensadores. São Paulo, Nova Cultural, 1999.

GARCÍA MORENTE, Manuel. *Lecciones preliminares de filosofia*. Buenos Aires, Argentina: Losada, 1952.

FERRATER MORA, José. *Diccionario de Filosofía*. Barcelona, España: Ariel, 1994.

FREUD, Sigmund. (1893-95) Estudios sobre la histeria. In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1976.

FREUD, Sigmund. (1896). La etiología de la histeria. In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1976.

FREUD, Sigmund. (1896). Nuevas puntualizaciones sobre las neuropsicosis de defensa. In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1976.
FREUD, Sigmund. (1900/1899). La interpretación de los sueños. In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1976.
FREUD, Sigmund. (1901/1901). Fragmento de análisis de un caso de histeria. In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1976.
FREUD, Sigmund. (1905). Tres ensayos de teoria sexual. In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1976.
FREUD, Sigmund. (1914). Introducción del narcisismo. In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1976.
FREUD, Sigmund. (1915). El inconsciente. In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1976.
FREUD, Sigmund. (1915). Pulsiones y destinos de pulsiones. In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1976.
FREUD, Sigmund. (1919). "Pegan a un niño": Contribución al conocimiento de la génesis de las perversiones sexuales. In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1976.
FREUD, Sigmund. (1941/1938). Conclusiones, ideas, problemas. In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1976.
LACAN, J. *Seminario 9: La identificación* (1961-1962). Circulación interna.
LACAN, J. *Seminario 21: Los incautos no yerran (Los nombres del padre)* (1973-1974). Circulación interna.
LACAN, J. *Seminario 22: R. S. I.* (1974-1975). Circulación interna.
LACAN, J. *Seminario 23: El Sinthoma* (1975-1976). Circulación interna.
LACAN, J. (1960). Observación sobre el informe de Daniel Lagache: Psicoanálisis y estructura de la personalidad. In: *Escritos II*. México: Siglo XXI, 1975.
LACAN, J. *Psicoanálisis, Radiofonía y Televisión*. Traducción y notas: Oscar Masotta y Orlando Gimeno-Grendi. España: Anagrama, 1977.
LACAN, J. *Seminario 11: Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis* (1964). Traducción: Francisco Monge. España: Barral,1977.
LACAN, J. Función y campo de la palabra y del lenguaje en psicoanálisis. In: *Escritos I*. México: Siglo XXI, 1978.
LACAN, J. La dirección de la cura y los principios de su poder. In: *Escritos I*. México: Siglo XXI, 1978.
LACAN, J. Posición del inconsciente. In: *Escritos I*. México: Siglo XXI, 1978.
LACAN, J. Subversión del sujeto y dialéctica del deseo en el inconsciente freudiano. In: *Escritos I*. México: Siglo XXI, 1978.
LACAN, J. *O Seminário*, livro 10: *A angústia* (1962-1963). Tradu-

ção: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
LACAN, J. *O Seminário*, livro 16: *De um Outro ao outro* (1968-69). Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
PLATÃO. *Fédon ou da alma*. Coleção Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
VIVIANI, Alejandro Luis. C'est la vie!. O objeto, o falo e o corpo. In: *Textura*. Revista de Psicanálise. Ano 4, N. 4, 2004.

Resumo

Para pensar o corpo e o inconsciente, o autor realiza um breve percurso pelos caminhos da filosofia e da medicina. É no tópico chamado *A dobra freudiana* que se deterá para desenvolver exaustivamente os conceitos psicanalíticos que articulam corpo e inconsciente. Trabalha, então, entre outros temas: o corpo erógeno, a teoria das pulsões, a constituição do sujeito, os três registros, o desejo, o objeto *a*, a fantasia inconsciente etc. Quando trata da fórmula da fantasia inconsciente, suporte do desejo, o autor nos diz que o sujeito "*está pungido pela falta do objeto, está furado, ferido, estimulado, incitado, magoado etc. pelo objeto causa do desejo*". Conclui o artigo considerando que, na relação fantasia inconsciente-sintoma, há sempre comprometimento do corpo.

Palavras-chave

Corpo, inconsciente, pulsão, fantasia, sintoma.

Abstract

In order to think about the body and the Unconscious, the author makes a brief tour through Philosophy and Medicine. It is in the topic called *The Freudian fold* that he will stop to fully develop the psychoanalytic concepts that articulate body and Unconscious. He will then develop, among other themes: the erogenous body, the theory of instincts, the constitution of the subject, the three registers, the desire, the *a* object, the Unconscious fantasy, etc. When dealing with the Unconscious fantasy formula, support of the desire, the author tells us that the subject *"is stung by the lack of the object, he is perforated, hurt, stimulated, instigated, rueful, etc. by the object cause of the desire"*. He finishes the article considering that, in the relation Unconscious fantasy-symptom there is always a committal of the body.

Keywords

Body, Unconscious, instinct, fantasy, symptom.

recebido

10/06/2010

aprovado

02/08/2010